

JORNAL DO BRASIL

Citibank acha que Brasil não preocupa banqueiros

Brasília — "Vai ser num futuro bem próximo que o aeroporto estará cheio de banqueiros internacionais outra vez". A previsão foi feita pelo presidente internacional do Citibank, Walter Wriston, depois de audiências com o Presidente Aureliano Chaves e o Ministro da Fazenda, Ernane Galvães.

Para o Sr Walter Wriston, que visita o Brasil pela primeira vez como Chairman of the Board do Citibank, credor de cerca de 5% da dívida externa brasileira, "tanto o Brasil como os Estados Unidos foram construídos com o capital estrangeiro e continuam precisando do capital estrangeiro".

A entrevista

Qual sua perspectiva em relação às taxas de juros no mercado internacional?

— Até agora, este ano, os juros caíram de 21% para 18,5%. Não ficaria surpreso se elas continuassem a cair vagarosamente nos próximos meses, embora muitas pessoas pensem o contrário.

Quando o Sr acredita que as taxas voltarão ao patamar de 12% ou 13%?

— Claro que isso é impossível, muita gente acha que isso ocorrerá provavelmente no final do ano que vem.

Como o Sr tem tanta certeza de que os juros irão cair, se os EUA vão continuar com a mesma política?

— A história mostra que os países que têm menos dinheiro e estão mais apertados têm as taxas mais baixas. Se olharmos para a Alemanha, veremos que ela tem as taxas muito baixas e o dinheiro bastante apertado. A mesma coisa se aplica ao Japão. Quando se aperta o dinheiro, inicialmente as taxas sobem. A pergunta real é a de que se o Reagan continuar com o aperto de dinheiro, a subida da montanha acontecerá e a queda virá naturalmente, pelo aperto financeiro e monetário.

Mas a expectativa da França e da Alemanha, por exemplo, é que isso não acontecerá.

— A França é um país socialista e eles naturalmente não gostariam de países com economia livre. Mas eu não acredito que a Alemanha tenha feito alguma pressão para que a política dos Estados Unidos seja mudada. Os alemães estão tristes e chatados porque suas exportações foram afetadas pela valorização do dólar em relação ao marco, porque a política americana criou um dólar forte e isso afetou suas exportações. Mas o Paul Volcker (presidente do Banco Central dos EUA) pensa exatamente o mesmo que o presidente do Banco Central alemão sobre política monetária.

Como o Sr acha que os países em desenvolvimento vão fazer a reciclagem dos recursos para fechar seus balanços de pagamento?

— Tem dois números que são importantes. Desde o primeiro choque do petróleo, os países em desenvolvimento cresceram suas reservas em ouro e em dólar em 100 bilhões de dólares. De modo que o processo de reciclagem é uma das maravilhas do mundo. Ninguém acreditava, quando o primeiro choque do petróleo aconteceu, que o mundo tivesse a habilidade de se ajustar. Eu acredito que o Brasil é um exemplo clássico, que adotou medidas que se ajustaram ao primeiro choque do petróleo, estava indo muito bem, digerindo esse choque, quando aconteceu o segundo. O Brasil está novamente se recuperando disso. Isso foi fundamentalmente conseguido pelo excelente gerenciamento do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central.

Nesse caso, o Sr acredita que o Brasil é um dos países que podem ser excluídos dos financiamentos do Banco Mundial?

— Acho que cada país, tanto o Brasil quanto os Estados Unidos, foram construídos com o capital estrangeiro, e continuam precisando do capital estrangeiro. Os Estados Unidos estão recebendo agora quantidades enormes de capital estrangeiro. Acredito que isso vai continuar até onde a vista alcançar.

Mas a pergunta se refere ao problema da graduação.

— Eu realmente não sei realmente muito sobre isso para comentar.

Depois do primeiro choque do petróleo veio o segundo, e o terceiro, que foi o das taxas de juros. Como vamos sair desse?

— A saída do choque depende de políticas internas, ao invés de recursos externos. O choque dos juros foi causado pela inflação dos Estados Unidos, mas a boa notícia é que a inflação nos Estados Unidos caiu de 12% para 8%, e as taxas de juros tendem a acompanhar a inflação.

Qual a credibilidade brasileira no mercado financeiro internacional?

— Por algum período de tempo, meses atrás, quando gente muito faladora lançou dúvidas quanto a habilidade brasileira de seguir suas políticas e manter sua credibilidade, o Citibank, neste período, foi o único banco que expressou sua crença de que o Brasil ia se sair muito bem. E agora esse ponto-de-vista que nós tomamos sozinhos está sendo visto conjuntamente por muitos bancos do mundo inteiro. Eu

acredito que a balança comercial deve ser positiva, e os programas colocados em funcionamento pelo Ministro Delfim Neto são realmente muito bem operados, estão operando muito bem. Vai ser num futuro muito próximo que o aeroporto estará cheio de banqueiros estrangeiros outra vez.

O Citibank vai continuar emprestando para o Brasil?

— O Citibank empresta ao Brasil desde 1915. E eu acredito que isso continuará enquanto eu estiver vivo.

Haveria possibilidade de o Sr demonstrar isso reduzindo um pouco o spread que é cobrado ao Brasil?

— O spread é feito pelo mercado e ele é o senso comum de centenas de pessoas.

Isso quer dizer, então, que o Brasil não está sendo bem visto pela comunidade financeira internacional?

— Não. O spread é determinado por dois fatores: primeiro, com se vê o crédito do tomador e, segundo, se o spread produzirá ou não um lucro para o prestador. Se você tem um spread de 1% e um imposto de Renda de 50% não há lucro suficiente para você juntar ao seu capital. E se você não puder aumentar seu capital, não poderá continuar emprestando dinheiro.

Quem vai dar mais lucro ao Citibank este ano, os empréstimos internos, dos EUA, ou os internacionais?

— Será uma mistura. Os 100 países em que operamos fora dos EUA vão representar de 75% a 80% dos lucros do banco.

E o Brasil?

— O Brasil é um dos melhores países que nós temos. Os Estados Unidos são o maior. O Brasil é a 10ª economia do mundo, e eu suspeito que ele vai continuar crescendo e, com isso, esperamos que desse crescimento nós também tenhamos nossa fatia.

O Sr já tem uma previsão de quanto o Citibank pode emprestar para os programas do Brasil no próximo ano?

— Os programas brasileiros estão trazendo aspectos positivos para o balanço de pagamento, trazendo capitais de risco para o Brasil, estão produzindo o efeito de redução no consumo de derivados de petróleo. Mas não sabemos até o final do ano o volume de dinheiro que o Brasil necessitará para se financiar no mercado externo, de modo que não há maneira de se planejar com muita antecedência qual vai ser a demanda.

Mas com base nas afirmações de que a política é bem administrada e que a balança comercial vai ser positiva, quais são suas previsões?

— Se essas políticas continuarem, não vejo razão para que o Brasil não tenha acesso ao mercado internacional de dinheiro. Tem ótimas perspectivas.

A abertura política ajuda a credibilidade do país no exterior?

— É parte da evolução de um processo político. Cada país tem que achar sua própria solução para sua própria vida política. O que funciona bem num país não é necessariamente obrigatório que funcione bem num outro país. O que é errado é um país aconselhar a outro como seguir seu processo político.

"Prime" cai de novo para 18%

Nova Iorque — Alguns dos principais bancos norte-americanos — entre eles o Citibank, maior credor privado do Brasil — reduziram ontem sua taxa preferencial de juros (prime-rate) para 18%, refletindo uma queda no custo do dinheiro no open-market e um esforço do Banco Central (Fed) para aumentar a quantidade do crédito disponível.

A prime, que ficou por meses no patamar dos 20%, manteve assim sua tendência recente de baixa, ao mesmo tempo em que o vice-presidente do Fed, Frederick Schultz, diagnosticava um desaquecimento na economia norte-americana, o que poderá resultar em nova queda nos juros mas, em compensação, em aumento do desemprego.

Taxa que costuma influenciar o comportamento da Libor (eurodólar), que regula 70% da dívida brasileira, e ela mesma um parâmetro para empréstimos internacionais, o comportamento da prime é atentamente acompanhado pelas autoridades monetárias do Brasil. Ultimamente, com sua tendência de queda, já provocou um recuo na Libor, que ontem fechou a 16,385%, em Londres.

O que se busca agora é prever o que poderá acontecer à prime. Para o presidente do Continental Illinois, Roger Anderson, "a queda no custo do dinheiro no open-market poderá possibilitar uma baixa de mais um ponto percentual" na prime. Para 1982, as previsões são de uma taxa na faixa de 10% a 15%.